



NOSSO TEMA

VIDA MÍSTICA NO COTIDIANO Os rostos de Deus

Fr. Martín Carbajo Núñez, OFM*
Roma – Itália

Resumo

À luz da exortação apostólica “*Gaudete et Exsultate*”, este artigo reflete sobre como desenvolver hoje uma vida mística na vida cotidiana. Nossa sociedade globalizada e hiper-conectada, cheia de apelos tecnológicos e consumistas, torna urgente a perene necessidade de encontrar a Deus no rosto de cada ser humano e em cada criatura. “Todos somos chamados a ser santos” e a ter uma visão contemplativa, “cada um onde quer que se encontre” (14). A primeira parte do artigo apresenta alguns traços da “espiritualidade da vida cotidiana”. A segunda parte estuda os rostos de Deus hoje, seguindo as quatro relações fundamentais do ser humano (Deus, si mesmo, outros, criação). Finalmente, na terceira parte, são oferecidas algumas indicações de como estabelecer relações humanas e humanizantes no ambiente digital, evitando a dicotomia entre o real e o virtual.

Palavras-chave: mística; santidade; contemplação; vida cotidiana; era digital.

* O autor é Doutor em Teologia Moral (Roma, Ac. Alfonsiana 1995-2001); em Comunicação Social (Univ. Gregoriana 1996-1998) e em Filologia Germânica (Inglês) (Univ. Santiago Compostela 1981-1986). Atualmente é professor em três centros universitários, sendo dois em Roma e um nos Estados Unidos.

Abstract

In the light of the Apostolic Exhortation “*Gaudete et Exsultate*”, this article reflects on how to live a mystical life today. Our globalized and hyper-connected society, full of technological and consumerist appeals, makes it even more necessary for us to find God in the face of every human being and in all creatures. “We are all called to be holy” and contemplatives, “in everything we do, wherever we find ourselves” (14). The first part of the article presents some traits of the “spirituality of everyday life”. The second part will focus on the faces of God today, following the four fundamental relationships of the human being (God, oneself, others, creation). Finally, in the third part, we will give some indications on how to establish human and humanizing relationships in the digital environment, avoiding the dichotomy between real and virtual worlds.

Keywords: Mysticism; Holiness; Contemplation; Ordinary life; Digital age.

“Todos somos chamados a ser santos” e a ter um olhar contemplativo, “onde cada um se encontra”¹. O crente, de fato, é aquele que vive com amor “nas ocupações de cada dia” (14), percebe o mundo como sacramento, espelho do invisível e, portanto, se sente movido à contemplação reverencial. Ele é um contemplativo que vê em todos os seres o poder, a sabedoria, a bondade e a beleza do Criador. Para ele, a realidade é teofânica².

Francisco de Assis era um místico que conseguia contemplar Deus no cotidiano, mesmo nos rostos desfigurados dos leprosos e dos abandonados. O seu encontro com o leproso o ajudou a discernir, transformou o seu modo de ver a realidade e o “conduz a fazer penitência”³. Esta experiência foi para ele tão decisiva que desejava que todos os seus frades vivessem por algum tempo nos hospitais para os leprosos⁴.

Hoje, o Papa Francisco nos convida a desenvolver a capacidade contemplativa de poder reconhecer em cada rosto, mesmo que desfigurado,

1. FRANCISCO. “*Gaudete et exsultate*. Exortação apostólica” (19.03.2018), [GE], n. 14, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana (LEV), 2018. No corpo do texto as citações da GE serão indicadas apenas com os números entre parênteses.

2. Este artigo tem sua origem em uma palestra que o autor apresentou no V Convegno Internazionale di Mistica Cristiana (Assis, 7-8.09.2019), que teve como tema geral: “Da santidade encarnada no hoje à mística presença do Senhor ressuscitado segundo a Exortação apostólica *Gaudete et exsultate*”.

3. FRANCESCO D’ASSISI. “Testamento”, [Test], n. 1-3, in *Fonti Francescane [FF]*, ed. Francescane, Padova et al. 2011³, 99-104, aqui 110.

4. “Compilazione di Assisi (Leggenda perugina)”, [Lp], n. 9, in *FF 873-997*.

“um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo” (98).

A minha exposição apresentará, em um primeiro momento, alguns traços da “espiritualidade do cotidiano”. Na segunda parte, falarei dos rostos de Deus hoje, seguindo as quatro relações fundamentais do ser humano (Deus, si mesmo, os outros, a criação). Por fim, na terceira parte, darei algumas indicações de como estabelecer relações humanas e humanizadoras no ambiente digital, evitando a dicotomia entre real e virtual.

1. UMA “ESPIRITUALIDADE DO COTIDIANO”

Boaventura de Bagnoregio afirma que o pecado obscureceu nosso olhar e nos fez perder a inocência original que nos tornava capazes de perceber imediatamente o reflexo da Trindade em cada criatura⁵. Temos necessidade de “maturar uma espiritualidade”⁶ e de uma mística que abra novamente os nossos olhos para ver o *Invisível* no cotidiano, afim de que possamos experimentar “a ligação íntima que há entre Deus e todos os seres” (LS 234).

Ao invés de acolher e contemplar, o atual paradigma tecnocrático prefere analisar, objetivar, dissecar. O outro não é reconhecido ou apreciado como um “você” único e irripetível. Na base desta incapacidade se encontra uma concepção antropológica dualista, que gera “uma radical separação entre os humanos e as outras formas de vida”⁷ (dualismo ôntico) e até divide o homem internamente, separando o corpo da dimensão espiritual/racional (dualismo ontológico). O corpo seria marginal à essência do ser humano e, portanto, subordinado. Isso nos leva a descrever o homem usando pares de termos contrastantes: “corpo/alma, racionalidade/afetividade, necessidade/liberdade, natureza/cultura, instinto/moral, etc.”⁸ O místico, ao contrário, conse-

5. Boaventura “nos ensina que *toda a criatura traz em si uma estrutura propriamente trinitária*, tão real que poderia ser contemplada espontaneamente, se o olhar do ser humano não estivesse limitado, obscurecido e fragilizado” LS 239.

6. FRANCISCO. “*Laudato Si'*. Carta encíclica” (24.05.2015) [LS], n. 240, in AAS 107 (2015) 847-945.

7. J.M. SCHAEFFER. *El fin de la excepción humana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009, 24

8. J.M. SCHAEFFER. *El fin de la excepción humana*, 25. No século XVII, Cartesio considera que a alma racional seria a essência do homem (*res cogitans*), enquanto o corpo seria apenas uma adição material. “Mon âme, par laquelle je suis ce que je suis, est entièrement et véritablement distincte de mon corps”. R. DESCARTES. *Oeuvres complètes et annexes*, Arvensa, Kindle ed., 2015, 224.

gue manter juntos, em harmonia, estes elementos que podem parecer opostos ou contrários.

A concepção antropológica dualista também se encontra na base do espiritualismo desencarnado que considera o mundo material como um obstáculo a ser superado, porque nos “de-têm”, bloqueia nossa peregrinação e dificulta a ascensão a Deus. Mais do que “coordenar” o que somos (alma e corpo), fala-se de “subordinar”, “subjugar”. O caminho da santidade exigiria o desprezo e a submissão do corpo, com a sensualidade e a materialidade conectadas a ele.

1.1. *Uma mística dos olhos abertos*

Para superar “estes dualismos combalidos que tiveram notável influência sobre alguns pensadores cristãos ao longo da história” (LS 98), devemos assumir uma “mística dos olhos abertos”⁹, tanto interna quanto externamente. O olhar exterior não pode ignorar a interioridade e vice-versa. Somente com um olhar contemplativo podemos perceber a complexidade do nosso mundo e descobrir o rosto de Deus nos rostos sofredores dos pobres e dos abandonados.

Abrindo-nos à diversidade, acolhemos o Deus Uno e Trino, fonte de toda unidade e de toda diferença. Trata-se sobretudo de ter um “coração que vê”¹⁰ e “que escuta” (1Rs 3,9), sempre pronto a assumir o olhar de Deus sobre a realidade. De fato, se o coração não muda, o esforço voluntarista dura pouco.

A mística do cotidiano concentra-se em relacionamentos normais e experiências cotidianas, a fim de “realizar ações ordinárias de maneira extraordinária”. Ela “cresce com pequenos gestos” (16) e está sempre unida à paixão contemplativa.

Não é possível empenhar-se em coisas grandes apenas com doutrinas, sem uma mística que nos anima, sem “uma moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” [...] nas quais a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia (LS 216).

9. J.B. METZ. *Mística degli occhi aperti. Per una spiritualità concreta e responsabile*. Brescia: Queriniana, 2013.

10. Cf. BENTO XVI. “*Deus caritas est*. Carta encíclica” (25.12.2005), [DC], n. 25, in *Acta Apostolicae Sedis, [AAS]*, 98 (2006) 217-252.